

# O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

## O AMOR PERFEITO.

Com este n.º finalisa o prazo das assignaturas d'este periodico, e por isso rogamos aos Srs. assignantes que hajam de mandar renovar-as, n'esta typographia, para, d'este modo, não haver demora na entrega da folha. Aquelles Srs., porém, que não quizerem continuar, terão a bondade de o prevenir aos entregadores, ou n'este estabelecimento.

Augusto assentou-se, uns tossiram, outros moveram as cadeiras, encostaram-se nos divans, e logo que houve silencio o moço leu que se segue:

### CAPITULO I.

Em principio de maio de 1838, quando acabava de soar 10 horas da manhã, o portão de um pequeno hotel da rua dos Mallurinos se abriu e deu passagem a um moço, montado em um soberbo cavallo alazão, cujas pernas finas e pescoco um tanto alongado desmentiam a origem ingleza: atraz d'elle e pelo mesmo portão sahio em devida distancia um criado vestido de preto, montado como elle em um cavallo de raça, mas

## AO SR. C. J. DO "ARTISTA.

As cousas que parecem lousas! Pissaram no rabo do communicante do *Artista* C. J. e este senhor deu um salto, mostrou as orelhas, arreganhou os dentes, e enterrou as unhas com raiva felina!

Mal pensamos nós quando rabiscamos o nosso artigo que por tal arrojo seriamos condemnados a barão e pregão!! Santo breve da Marca! Tão furibunda sanha tirou-nos o somno, e demos tratos a imaginação, querendo encarnar as iniçias que nos fulminam!

Quem será pois o lobis-homem litterario

que a vista de um experiente devia reconhecer o menos logozo do que o primeiro.

Este cavalleiro, que não tinha necessidade de se mostrar, para ser logo collocado n'essa classe de individuos, aos quaes a imitação dos nossos vizinhos de além mar, a lingua do mundo deu o titulo de leões, era um moço de 23 e 24 annos, de presença tão distincta e ao mesmo tempo tão affectada, que denunciava n'elle esses costumes aristocraticas, e que nenhuma educação pôde crear onde não existe naturalmente. E' justo dizer tambem que sua phisionomia correspondia admiravelmente a esse porte, que teria sido difficil o imaginar, cousa mais elegante e mais delicada do que esse rosto moldurado por cabellos e negras suissas, ao qual uma pallidez juvenil

que nos quer reduzir a cinzas *cadavericas*? Será algum capitão mata moiros descendente da *padeira* d'Aljubarrota por linha recta? Será algum poeta d'agna doce que meca os seus versos com uma tira de borrhacha? Será.... será.... e que nos importa quem seja,

« Se Gallego, Judeu, Algarve, ou Moiro? »

Que temos nós com o enigma animal se deciframos o pedante, o charlatão semsaborico, miseravel artista d'absurdos que moldou uma agulha, e fundiu uma bola?

Dizei-nos *cavalleiro andante* das princezas do palco, conheceis por ventura os primeiros rudimentos da Arte Dramatica para decidir ácerca d'ella com empha se dogmatica? pois—

Quem da cachola vã t'inflamma o gaz?

Miserias das miserias! E ousaes dizer que copiamos as vossas ideias! As vossas ideias?! A' fê! que se as columnas do AMOR-PERFEITO fossem de mais larga dimensão copiavamos o vosso artigo para dar aos seus leitores um narcotico que lhe cerrace as palpebras, nas suas horas de insomnia!

dava um caracter de particular distincção. Tambem este moço, ultinia vergontea de uma das mais antigas familias da monarchia sustentava um d'estes velhos nomes que se vão extinguido de dia em dia, e que cedo só se encontrarão na historia: chamava-se Amaury de Leoville.

Agora se das investigações exteriores passamos a interior, e do aspecto physico ao sentimento moral, das apparencias á realidade veremos que a serenidade d'esse semblante está em harmonia com a situação do coração de que é o espelho. O sorriso que de vez em quando pairava em seus labios respondendo ao pensamento de sua alma, é o do homem feliz. Sigamos pois este homem tão largamente dotado, que recebeu a uma nascimento e fortuna, mo-

Em que parte do nosso artigo vistes que achassemos na Sra. Adelaide-Christina merito artistico? Euguaae-vos, Sr. C. J., nós não cahiamos em dizer semelbaute cousa,— seria uma barbaridade!

Pöde ser que essa Sra. ainda venha a ter esse merito que vós, Sr. C. J., lhe quereis dar; que estude primeiro então lá para 1870 fallaremos (se lá chegarmos.)

A final o Sr. C. J. não defende a Sra. Adelaide dos defeitos que lho notamos no nosso artigo inserto no n. 6 d'este periodico; limita-se sómente a chamar-nos seis vezes *saborosissimo* em grifo! ao menos valhamos isso! Quanto a nós continuaremos a chamar-lhe SEMSABOR; mas desta vez será em versaletes.

Em todo o aranzel do Sr. C. J. só lia uma cousa em que acertou;— foi em dizer que julgamos ter achado a quadratura do circulo:— é um facto! custou-nos mas descobrimos um *quadrado!*...

Acreditamos piamente que o Sr. C. J. não escreve por dinheiro, por que felizmente já lá vae o tempo em que se vendiam parvoices!!— Entretanto, parece ser

cidade e distincção, belleza e felicidade, por que é o heröe da nossa historia.

Depois de ter sahido de sua casa, posto seu cavallo a trote curto, depois de ter, caminhando sempre ao mesmo passo, alcançado o boulevard, ganhado a Magdalena, seguido pelo arrabalde S. Honorato chegou á rua de Angouleme. Ali um encurtar de redeas deu a seu cavallo andar mais vagaroso, e seus olhos que até então vagaram indifferentes começaram a fixar-se sobre um ponto da rua em que entrou. Esse ponto era um encantador hotel situado entre um pateo guarnecido de flôres, fechado por uma grade, e por um d'esses vastos jardins que nosso industrioso Paris vê de dia em dia desaparecer para dar logar a essas massas de pedras sem ar, sem espaço e sem

mosia da *Artista*, e de seus correspondentes o continuo pregão de que—*não se vendem, e nem se escreve por dinheiro!*— As illações de suas palavras, tirem-nas quem quizer...

Desgraça das desgraças, como são recompensados os serviços d'um mal-aventurado! Eu não se esforça o eloquente gamenho por agradar á castissima *vestal*; depõe a corneta com que apregoa o seu merito artistico, pulsa a bandurra e gagueja canção dulcissima exaltando-lhe as graças e... vai... senão quando... é raptada infiel Helena pelo feliz Paris, e o babão de Meneláo fica olhando ao signal!... ah!... ah!... ah!... entende Sr. C. J.? Veiu-nos á ideia uma reflexão quando estavamos a ler o artigo do Sr. C. J.— Eil-a: Se o diaho inspirasse ao autor da *Pedreira* a ideia de escrever em prosa não poderia achar melhor modello do que o Sr. C. J.; a differença no estilo não havia de ser grande: o do primeiro causar-nos-lia somno, o do segundo *chloroformisa-nos!*

Finalizamos dizendo que no apontado de rodilhas, e aranzel de sandiees que o

verdura a que tão impropriamente chamam casias; chegada a esse lugar o cavallo parou como obedecendo a um antigo costume; porém o moço depois de ter lançado um extenso olhar para as duas janelas, cujas cortinas hermeticamente serradas impediam qualquer indiscreta investigação, continuou seu caminho não sem voltar para traz muitas vezes a cabeça, não sem certificar-se em seu relógio se ainda não era a hora em que sem duvida deviam lhe ser abertas as portas desse hotel.

Desde então tratava-se visivelmente para nosso joven de matar o tempo; apeon-se logo em casa de Lepage, aonde entreteve-se em destrahir algumas bonecas, passou a ovos e de ovos ás moscas. Todo o exercicio de destreza desperta o amor proprio.

nosso catuira vasou no *Artista*, envolveu o AMOR-PERFEITO, parece-nos que o communicante deu mais uma patada: os nossos artigos são communicados e nada temos com a redacção d'esta folha; d'est'arte consideramos o *Artista* com relação ao Sr. C. J.— São campos neutros convém respeitar— isto é simples e accessivel aos mais rombudos cascos; deveria pois-tello comprehendido o contemporaneo, salvo se elle é fatalista e vê no AMOR-PERFEITO o fantasma de Bruto! Y.



### AO CHRONISTA

DA

ROSA BRASILEIRA.

O *Chronista* da Rosa engana-se, quando nos suppõe injustos para com os actores que representaram no *Dote de Suzana*. Vimos a primeira representação d'este drama, e se o collega a viu tambem ha de concordar connosco, que nenhum dos actores (note bem) nenhum sabia o seu

Ora, ainda que o nosso heróe não tivesse por espectadores mais que rapazes, como era destro e elles nada tivessem que fazer, ficaram ali grupados para vel-o, n'este exercicio elle empregou quasi tres quartos de hora, depois do que tornou a montar a cavallo tomou a trote o caminho do bosque e alguns minutos depois arhou-se na alameda de Madrid. Aqui encontrou um de seus amigos com quem conversou a respeito das proximas corridas de Chaatilly, tomou-lhe mais meia hora. Por fim um terceiro passeador que encontrou á porta de S. James, que tinha chegado do Oriente havia tres dias, fallou com tanto interesse da vida interior que passava em Caire e em Constantinopla que uma hora passou ainda sem muita impaciencia. Mas decorrida

papel, e a Sra. Gabriella menos que nenhum. Não sabemos se é habito que esta senhora adoptou; pois o mesmo succedeu na ultima representação da *Moreniha*, em que ella era a protagonista. O *Chronista* da *Rosa* sem duvida é apaixonado do sentimentalismo; a Sra. Gabriella com as suas contínuas choradeiras internee o seu coração e eis o motivo por que elle achou que esta Sra. comprehendeu o pensamento dos autores da drama!

Se a nossa oppinião não fosse outra, havia de ser a do amavel *Chronista*.

O collega ficou admirado, diz, de ver o papel de *Suzana* desempenhado pela Sra. Gabriella, tendo sido anunciado nos jornaes e cartazes que ia ser feito pela Sra. Jespina Montani!; e com tudo o collega nem uma palavra escreve sobre este insulto feito ao publico e a actriz! á actriz, por lhe tirarem a parte no mesmo dia em que o drama foi anunciado que devia ir á scena; e ao publico, por lhe terem anunciado a Sra. Montani, e apresentarem a Sra. Gabriella!

O collega se fosse imparcial devia stigma-

a hoi a o nosso heroe não pôde por mais tempo conter-se e despedindo-se de seus dous amigos pôz seu cavallo a galope, e sem parar nem mudar de andadura até á extremidade da rua Angoulême, que dá nos Campos-Elyseos. Aqui parou, consultou seu relógio, e vendo que marcava uma hora apeou-se, atirou as redeas a seu pagem e encaminhou-se para a casa, diante da qual havia elle parado de manhã, e bateu.

Se Amaury tivesse experimentado algum receio, deveria este parecer bizarro, porque aos sorrisos successivos que á sua vista appareciam nos labios dos criados, desde o guarda portão, que lhe abriu a porta da grade, até o criado grave que occupava o vestibulo, podia ver-se que o moço era familiar da casa. Assim que o visitador per-

tizar esta injustiça do director: entretanto desculpainol-o por não fazer. Nós podemos fallar francamente, porque compramos o passaporte de entrada ao bilheteiro; e o collega talvez tenha entrada franca: por consequencia tem obrigação de baratear elogios, embora a sua consciencia lhe repugne representar semelhaute papel.

O *Chronista* responder-nos-ha que o papel era forte de mais para as forças da Sra. Montani. Oh! pois só depois d'essa Sra. o ter estudado, ensaiado, e já estar annunciada a sua representação, é que viram que ella o não podia desempenhar? Pois a leitura que do drama haviam de fazer, antes da distribuição das partes, não era sufficiente para verem se ella podia ou não fazer o papel? Para que lh'o deram então, e para que lh'o tiraram depois?!...

São mysterios de bastidores que talvez o collega nos possa revelar.

O amavel *Chronista* embirrou com a Sra. Velluti, ou antes com as suas desafinações de voz e esquesito vestuario; com tudo ousamos affirmar que esta Sra. vinha perfeitamente caracterizada, e desempenhou o

guntou se M. d'Avrigny estava em casa, o criado respondeu-lhe como a quem pôde ir além de certas conveniencias sociaes:

— Não, Sr. conde; mas as senhoras estão no pequeno salão.

Depois como ia elle adiantar-se para annunciá-lo, este fez-lhe signal de que esta formalidade era inutil. Amaury, como quem conhecia o lugar, encaminhou-se por um pequeno corredor, sobre o qual se abriam todas as portas particulares, e em um instante chegou á porta do pequeno salão, que não obstante estar entre-aberta, consentiu que seu olhar penetrasse livremente até o interior.

Elle parou um momento na soleira.

Duas moças de 18 a 19 annos estavam assentadas quasi defronte uma da outra,

seu papel melhores do que todos os outros. O *Chronista* pelo que se deprehende do seu artigo não é affeição à Sra. Vellutti, por isso enterra-a o mais que pôde: quanto a nós nunca negamos o merecimento a quem o merece; ha peças em que a Sra. Vellutti nos causa somno, — na *Suzana* e no *Trapeiro* gostamos muito d'ella.

O *Chronista* põe o Sr. Pedro Joaquim em tal altura que ficamos admirados! De duas nun, ou o collega nunca o viu representar ou então a sua tolerancia passa os limites da possibilidade: — lembre-se que os seus elogios em vez de fazerem com que esse Sr. se corrija dos immensos defeitos que possui não farão mais que augmental-os.

Y.

## VARIEDADE.

### CHUVAS MARAVILHOSAS.

O povo colloca as chuvas de sapos, e de rãs em o numero dos phenomenos os mais espantosos; e ainda

bordando no mesmo bastidor, em quanto no vão de uma janella, uma velha governante ingleza, em vez de ler, observava suas discipulas. Nunca a pintura, essa rainha das artes, havia produzido grupo mais encantador, do que formava as duas cabeças das moças, quasi tocando-se, tão perfeitamente diferentes de aspecto e de caracteres, que se poderia dizer que o mesmo Raphael, as approximava uma da outra, para fazer um estudo de dous typos igualmente graciosos, ainda que contrastando um com outro.

Com effeito, uma d'ellas era loura e pallida, de longos cabellos annellados á ingleza, de olhos azues, de pescoço um tanto comprido, parecia uma debil e transparente virgem oceanica, feita para deslisar-se

não ha muito tempo que eram ellas attribuidas aos horribis maleficios dos feiticeiros. Não e entretanto difficil de comprehender qual a sua verdadeira causa; e por isso aqui damos um pequeno e fraco esboço, conscios de que haveriamos de agradar aos nossos leitores.

E' sabido que as rãs, e os sapos depositam seus germen, em grande abundancia nos lugares paludozas, e, com especialidade nas aguas estagnadas. Se, por acaso, estes germen são arrebataados pelos vapores, que constantemente a terra exhala, ficam expostos por muito tempo aos raios do sol, que os desenvolve, — faz nescer os reptis, que vemos cahir com a chuva, principalmente depois de uma grande sêcca.

As chuvas de fogo não são outra coisa mais do que a successão mui rapida dos relampagos, e dos trovões, no meio de uma desabrida tempestade.

Sábios houveram, que não trepidaram em avançar que as chuvas de pedra provinham da lua; e esta lexiana opinão veiu ainda engrossar a massa enorme dos erros populares! Estas chuvas são causadas or-

nos vapores, que o vento do norte enrola por cima das montanhas aridas da Escocchia, ou nubladas plauicies da Grã Bretanha; era uma d'essas visões semi-humanas, e encantadas, como só teve Shakspere, e que a força de genio e trabalho chegou a passar de phantastico, á realidade; deliciosas ereações que ninguem havia advinhado antes de seu nascimento, nem alcançado depois de sua morte, e que elle baptisou com doces nomes de *Cerdetis*, d'*Ophelia*, ou de *Miranda*.

A outra, pelo contrario, de cabellos negros e entrecachados, cuja dupla madeixa moldurava o rosto corado, de olhos brilhantes de purpureos labios, de movimentos vivos e decididos parecia uma d'essas moças de tez dourada pelo sol da Italia, que

dinariamente por materias volcavicas, terras e arêas queimadas, que são conduzidas, pelo impeto dos ventos, a mui grande distancia. Tem-se visto cabir as cinzas do vesuvio até nas costas d'Africa. A quantidade d'estas materias, a maneira por que se espalham pelos campos, quasi sempre mui longe de sua origem, e os desastres que, algumas vezes, tem occasionado, dão eausa a que sejam collocadas na orden das chuvas as mais terríveis.

É porém, entre todas as chuvas maravilhosas, a de sangue a mais assustadora; e entretanto a sua existencia é ehmérica. Não haive, em tempo algum, verdadeira chuva de sangue; e todas aquellas que têm appareido rubras, ou approximando-se á esta côr, hão sido tintas por terras, poeiras de mineraes, ou materias semelhantes, conduzidas pelos ventos á atmospherá, onde se misturam com a agua que cahe das nuvens.

Muitas vezes ainda, este phenomeno, em apparencia tão extraordinario, tem sido occasionado por myriadas de pequenos insectos alados, que derramam gotas de um

Boccaccio reúne na cidade de Palmeira para ouvir as alegres fabulas de Decameron. N'ella tudo era vida e saude; o espirito que não podia sahir por sua boeca, brilhava em seu olhar; sua tristeza, pois não ha phisionomia alegre que de tempos a tempos não se annaxie, sua tristeza não podia inteiramente encobrir a expressão habitualmente risonha do semblante. Atraves de sua melancolia se divisava seu sorriso como em nuvem de estio se sente o sol.

Taes eram as duas moças que como o havemos dito, assentadas uma defronte da outra e inclinadas sobre o mesmo bastidor, faziam apparecer com suas agulhas um ramalhete de flores, no qual sempre ficis a seu caracter, uma bordára o lis e pallidas ja-

liquor vermelho sobre os logares por onde passam.

Nossos antepassados, que, pela maior parte, eram *muito instruidos*, viam n'estes phenomenos, como em todos os mais que não comprehendiam, os signaes precursores da colera Divina; como se Deus, tão grande como é, quizesse enfurecer se contra o homem, mesquinho ente, tão fraco, e sempre acurvado sob o peso de mil necessidade, e afflicções!

## POESIA.

### A SYLPHO

OU

### MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

XI.

A VIAGEM.

Duvidoso clarão mal assomava  
De matinal crepúsculo, quando presto

cintas, e a outra animava com vivas côres as tulipas e os cravos.

Depois de um ou dois minutos de muda contemplação, Amaury empurrou a porta. Ao ruido que elle fez as duas moças se voltaram, e soltaram um pequeno grito, como fariam duas gazellas surprehendidas; sómente um vivo mas fugitivo rubor corou a loura, em quanto que sua companheira empallideceu impereceptivelmente.

— Bem vejo que fiz mal em não me annunciar, disse o moço adiantando-se vivamente para a moça loura, sem se occupar de sua amiga; pois vos assustei, Magdalenina. Perdoai-me, ereio-me sempre o filho adoptivo de M. d'Avrigny, e pórtome n'esta casa como se ainda tivesse o direito de ser um de seus commensaes.

Por ligeiro baixel demando a praia.  
Um amigo leal me segue os passos,  
E arfando o latel nos leva ás plagas  
Da minha Sylpho em busca, e de outra bella

Que reina,  
Governa  
Tão terna  
A vida

De quem por ella  
A cruz perdida,

Perdida por amor, e tão perdida  
Que nem quer luterlar recuperá-la!  
Recche ufano o leuho a nava carga,  
E mais esolto, e menos louco singra  
Já mar em fóra da bahia vasta.

De tansas brisas só frescór soprava,  
Era banzeiro o mar, e levemente  
As espaldas das ondas se agitavam  
Como sóe ondular em brando somno  
O seio de uma bella que adormece  
Na rezaça da paz em que deitou-se!  
Compacta cerração acobertava  
Os gigantes de pedra que namoram  
Da gentil Nietheroy a magestade;  
O soberbo Pão de Assucar  
Tambem não se divisava,  
Vasto fruçal de neblina  
Como que o agasalhava.

Parecia que adrede os panoramas  
De nosso patria rio nos fugiam  
Para enfermar-nos de saulades suas.  
Se assim foi, foi irritó seu tentame!

— E fazeis bem, Amaury, respondeu  
Magdalena. De mais ainda que quizesseis  
proceder de outro modo não o poderíeis,  
assim o creio; não se perde em seis semanas  
costumes de 18 annos. Mas, dai hom dia a  
Antonieta....

O moço estendeu, sorrindo-se, a mão  
para a moça morena.

— Desculpai-me, disse elle, cara Anto-  
nieta; devia logo pedir perdão de mi-  
nha falta a aquella, a quem irreflectidamente  
havia assustado. Ouvi o grito de Magdale-  
na, e corri a ella.

Voltando-se depois para a governante.

— Mistress Brown, disse, recebei meus  
cumprimentos....

Antonieta sorriu-se com tristeza, aper-  
tando a mão do moço, pois pensou com-

Juntos das bellas que nos amam ternas  
Esses véns de vapores melancolicos  
A louçan Nietheroy mais alindavam:  
Seus olhos dando a luz aos nossos olhos  
Para n's tudo e bello to natura!

Vae correndo o madero; a quem já deixa  
Ville canon, recórdo triste, eterno  
Para a gloria dos francos mareada!  
Apróa o Gravata, e vae caminho  
Do escalvado penedo aonde o culto  
Da Virgem mãe dos nautas se celebra!  
Eil-o arfando no sacco decantado  
Do apostolo das Indias, luz cimmenso  
Por bardo inimitavel ja descripto  
Em versos de harmonia encantadora!

As simidales das serras  
Dos vapores das nidadas,  
Verde escuras, e molhadas  
Ainda da cerração,  
Já enclugam a espessura  
N'um sol de amena sasao,  
E do primevo nevoeiro  
Apenas alguns listões  
De vários ondulações  
Chameitam as encostas  
Das pedregosas vizias  
Do lago, espelho das drias.

Entrados do prazer mais soberano  
Alicamos no caés, e eis-nos co' as bellas  
Em doce parceria instituidos  
Em salão povoado de uma turba  
Que, para as contemplar, se abalroava.

— sigo mesmo, que tambem havia sultado  
um grito igual ao de Magdalena, porém que  
Amaury o não ouviu. Quanto a Mistress  
Brown, nada havia visto, ou antes, tudo  
havia visto, mas seu olhar havia parado na  
superficie das cousas.

— Não vos desculpeis, Sr. conde, disse  
ella, pelo contrario, seria bom que fizessem  
muitas vezes o que acabais de fazer, ainda  
que não fosse senão para curar esta bella  
menina de seus loucos terrores, e continuos  
sobresaltos. Sabeis do que provém isso?  
de suas distrações. Ella imagina um mun-  
do, no qual se recolhe logo que cessam de  
a entreter no mundo real. Que se passa n'este  
mundo? Não o sei, porém o que sei é que  
se isto continúa, ella acabará por abandon-  
r um pelo outro, e então serão as distrações

## III.

## O SARAU.

Pelos ares se insinúa  
Celestial harmonia,  
Em cujas azas se libra  
Univers d'alegria;  
O aspecto mercencorio  
Despe o senho da tristura,  
Ninguém parece infeliz.  
Todos exalham ventura.

Quatro lados de pares se completam,  
É o genio da dança esvoaçando  
Per sobre os dançarinos os ungião  
Do atletico balsamo que imprime  
Nos membros genial flexibilidade.  
Era com elles, e a meu lado estava  
Com todo o alardo de seu porte esvelto  
A mais gentil mulher, a gentil Sylpho!  
Junto d'ella de mim nem eu curava,  
Todos dançavam, a ninguém eu via,  
A ella via só... via? que digo?  
Absorto a contemplava como um ente  
Ethereo, vaporoso em movimento  
De graça tão subida, que eu enidava  
Estor no Olympo da poesia antiga  
Ao lado de Hebe, ou da venusta dea!  
Attentos olhos lhe seguiam passos  
Que ella fazia com donoso esmero,  
E do extase o silencio a victoriava  
Como rainha do sarau ruidoso!

sua vida, em quanto que sua vida será uma distração.

Magdalena dirigiu para o moço um longo e doce olhar que queria dizer: vós bem sabeis porque me distraio, não é, Amaury? Antonieta viu esse olhar, e ficou um instante de pé e hesitante, depois em vez de tomar para seu bastidor, foi se assentar ao piano deixando comecar os dedos sobre as teclas, tocando de cór uma phantasia de Tauberg.

Magdalena tornou a seu trabalho, e Amaury se assentou junto d'ella.

— Que supplicio, cara Magdalena, disse baixo Amaury, estar agora tão raramente vós, e livres! É pois o acaso que dispõe assim das cousas, ou uma ordem dada por vosso pae?

Acaba-se a final das contradanças,  
E da walsa começa já de ouvir-se  
A musica sonora, seductora.

Quem ganha às vezes victoria  
Na regular contradança,  
Nem sempre na bella walsa  
Uma igual victoria aleança.

Sóa a walsa, ó prazer! a minha Sylpho  
Volteiando extasia, encanta, arroula;  
Sen tão breve pesinho roça apenas  
E o chão a superficie, e do seu corpo  
O garbo requintando, firma a er'ça  
De rainha do baile que lhe deram  
Sem competencia de outra que a emulasse.

(CONTINUAR-SE-HA.)

A explicação do logogrypho do n.º antecedente é:— **F**avorito — e a das charadas — 1.º **C**amillo — 2.º **G**uilhote — 3.º **A**rchiatro — 4.º **C**onvento — 5.º **C**arolina.

No logogrypho sahiu a 3.ª quadra inexacta, devendo ler-se:— Ainda a prima, e segunda— A 1.ª charada tambem sahiu em alguns exemplares, com falta das ultimas syllabas, em consequencia de ter-se quebrado a fórma. Pedimos desculpa aos nossos assignantes e leitores.

— Ai de mim! nada sei, meu amigo, respondeu a moça; mas crede que soffro tanto com vós. Quando nós podiamos ver todos os dias e á toda hora, não conheciamos nossa felicidade; precisamos das trevas para desojarmos a luz.

— Mas não poderieis vós dizer a Antonieta, ou ao menos dar-lhe a entender que ella nos faria um grande serviço afastando de vez em quando esta boa mistress Brown, que fica aqui mais por habito do que por prudencia, que aliás, eu o creio, não recebeu ordem expressa de nos vigiar?

— Tenho tido muitas vezes desejos de fazel-o, Amaury, mas não sei verdadeiramente a que attribuir o sentimento que me retém. No momento em que abro a bocca para fallar de vós, a minha prima, a voz